

MOVIMENTOS DE ALTERIDADE NO GRUPO SUPERFÍCIE

Prof.^a D^a Adriane Hernandez
Carla Borin Moura
Carla Viviane Thiel Lautenschlager
Mariza Fernanda Vargas de Souza

hernandez_adri@yahoo.com.br

carlaborinmoura@yahoo.com.br

carlathiel@gmail.com

fernandasouza63@gmail.com

RESUMO

O Grupo Superfície, composto por seis artistas de Pelotas, formou-se em 2010 no atelier de pintura da UFPel. Somente a afinidade entre as pessoas não explicaria a motivação de produzir pinturas e a duração do coletivo. Para além da afinidade há uma causa a mais que é a vontade de lidar com os desafios da alteridade: o grupo se esforça por ser plural. Isso pode ser notado em auto proposições estabelecidas, como por exemplo, a troca de ações poéticas, entendendo como ação poética um modo de fazer específico e individualizado, cada componente oferece sua poética para outro do grupo que a conduz de um modo distinto. Isso nos faz perceber como as particularidades encontram-se no mais alto grau da abstração, às vezes, até mesmo, invisível aos olhos. O que quer dizer que não é propriamente na forma, como resultado, que o melhor acontece, mas na intersubjetividade das ações, fazendo da experiência do convívio, e das trocas, a sabedoria do viver-junto que se propaga na (e pela) pintura.

Palavras-chave: Alteridade. Ações poéticas. Coletividade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido durante os encontros do Grupo de pesquisa em andamento “Poética e Fenomenologia: proposições para pesquisa e ensino da arte” vinculado ao grupo de pesquisa “Percurso Poéticos: procedimentos e grafias na contemporaneidade”, sob a coordenação da prof^a Dr^a. Adriane Hernandez-UFPel/CNPQ.

Os movimentos que geram a alteridade no Grupo Superfície é um dos mais delicados que existem, isto porque pressupõe, com frequência, um abandono do ego, tarefa pouco fácil. A consciência de que o outro é aquele que não sou eu, parece simples e até óbvia,

mas este movimento talvez seja o mais difícil de acontecer na nossa cultura, muito embora não faltem pessoas a se autoconferir essa qualidade. A frase “eu me coloquei no seu lugar...” pronunciada para indicar a generosidade do seu interlocutor, em nada aplaca a sensação de incompreensão a que todos estamos tão imersos. Se o outro não sou eu, como quero imprimir-lhe meu modo de ver o mundo, interpretar e julgar seus atos a partir de meus próprios parâmetros?

O objetivo deste registro, baseado em observações dos fenômenos, é o desenvolvimento, senão de modestos parâmetros, ao menos de experiências e vivências, que possam ser compartilhadas possibilitando uma reflexão sobre os modos de abordagem dos processos de criação artística que possibilitem uma renovação de ferramentas discursivas referentes ao processo coletivo e ao “desvio pelo campo do outro” (LANCRI, 2001, p. 20), um vai e vem de si mesmo para o outro, formulando um distanciamento crítico e estimulando ao debate sobre a alteridade e a partilha.

As ações pictóricas do Grupo Superfície pressupõem interação e interdependência, um movimento nada fácil, onde as relações, permeadas de trocas, implicam em compartilhamentos de experiências que geram pluralidades a partir das particularidades. Roland Barthes (2003, p. 259) em “Como viver junto” argumenta que a coabitação não exclui a liberdade individual. Cada indivíduo escolhe, atua, e isso é fundamental para o desenvolvimento de trabalhos significativos no grupo.

A coletividade produz combinações dinâmicas que impulsionam escolhas cercadas de imprevisibilidades advindas da experimentação. Produz, também, misturas inusitadas e certas interações com suportes manuseados, seccionados e com intervenções do próprio acaso. Além de tornar o processo mais complexo, resultando em nuances e também contrastes – com áreas pictóricas onde surgem diversificadas soluções de linhas, manchas, formas, aguadas, massas, transparências e inúmeras outras –, a coletividade incentiva a buscar novas formas de conexão e de prolongamentos das ações.

A variedade de linguagens, a intersubjetividade das ações, fazendo da experiência do convívio, e das trocas, a sabedoria do viver junto que se propaga na (e pela) pintura, torna o terreno fértil para o desafio da pesquisa prática e teórica. Integrando todos esses movimentos à pesquisa plástica e conceitual, o Grupo Superfície propõe colocar em evidência um modo de fazer arte que permita o máximo dessas interações.

As pesquisas realizadas individualmente são disponibilizadas ao grupo e as artistas fazem uso das ações características de suas poéticas. No começo, surgiu a intenção de imitar o gesto, a forma, mas o que ocorreu foi uma infinidade de modos de pensar a mesma coisa. O conceito também se tornou distinto, uma multiplicação aconteceu, porque a busca foi por ampliar as possibilidades e não reproduzir simplesmente. Ocorreu também um crescimento nas pesquisas individuais que inevitavelmente são contaminadas pelo trabalho coletivo.

ANTECEDENTES

No Grupo Superfície as ações compartilhadas pelas artistas: Carla Borin, Carla Thiel, Daniela Meine, Mariza Fernanda, Natália Hax e Paloma de Leon, na mesma superfície, são experimentadas pelo grupo como potentes narrativas: é possível falar sobre elas,

descrever seus caminhos e características, porque se tornam visíveis e servem como registro do processo coletivo e do conviver junto plasticamente (figura 1).

Antes de produzir coletivamente, cada artista já trazia como experiência individual uma ou mais ações características de suas poéticas. Provocar o escorrimento da tinta de modo a formar linhas paralelas era, para Paloma, uma ação repetitiva que imprimia características do acaso programado, para um fim específico, no seu trabalho, que resultava na lentidão do escorrer, inicialmente fixada pelo processo; formar impressões e marcas, carimbando com o uso de plantas e folhas naturais de diferentes espécies, é a ação que fez Mariza Fernanda criar uma área em expansão, gerando paralelos com mundo orgânico; Carla Thiel produzia sequências de ações realizando um movimento inicial de manchar, deixando a tinta, bastante fluida, escorrer de modo mais ou menos desordenado, para em seguida contornar tais manchas com pincel filete e, na sequência, vaziar pequenos ou grandes espaços entre manchas; para Carla Borin a ação de manchar também é necessária, mas ela o fazia de outro modo, carimbando e duplicando, como em um teste de Rorschach. Esse início formulava uma base para inúmeras investigações procedentes; já o estêncil foi a ferramenta encontrada por Daniela Meine para realizar, de um modo mais eficaz, repetições de uma forma que tanto persistia no seu processo, essa forma que lembra um seixo, de contorno regular, agora aparece nas telas do Grupo Superfície com inúmeras soluções diferenciadas; Natália Hax era a única artista que não pintava, antes de sua entrada no grupo. Teve, no entanto, uma experimentação inicial em que trabalhava um tipo de ornamentação repetitiva, mais linear do que pictórica. Foi a partir da apropriação da ação de outro integrante do grupo que um novo modo que fazer se instituiu para Natália.

Foi assim que, decididas a estabelecer trocas de suas ações originais, uma componente do grupo passou a fazer a ação de outra, ultrapassando a idéia de imitação, isso porque, não foi reproduzido nem o gesto, como modo de fazer, nem o resultado, mas sim a própria ação. O que difere gesto e ação para Jersy Grotowski é que “o gesto é uma ação periférica do corpo, não nasce do interior do corpo, mas da periferia (...). A ação é algo a mais porque nasce do interior do corpo” (GROTOWSKI, 1988). O gesto pode nascer da imitação da ação de manchar, pingar, escorrer tinta, carimbar formas, desenhar e cortar, no sentido de que a ação para uma artista, pode virar um mero gesto para outra, mas no momento que são depositadas na mesma superfície, é no dinamismo das trocas e, até mesmo em um certo esquecimento inocente do “eu”, quase como um descuido, um “abrir a guarda”, que ações aparecem potencializadas pela interação, sobreposição, apagamento, resgate e acumulações. Isso não figura logicamente como uma conquista, algo garantido, é um procedimento que a cada novo encontro pode ser perdido e deve ser buscado e encontrado novamente, um constante desafio.

A multiplicidade de seis universos distintos, compartilhados e alternados transforma-se em percursos à medida que percorrem a superfície da tela de um lado a outro, se sobrepondo e se entrelaçando. Segundo (CERTEAU, 2003, p.186) esses percursos organizam os movimentos das narrativas. As ações depositadas nas superfícies não se contentam apenas em se deslocar de um lado a outro, formando lugares comuns da ordem pictórica, elas além de organizarem a narrativa, se relacionam e transformam a pintura em linguagem coletiva. Nesse sentido, a tela serve de espaço e de lugar praticado, habitado por seis artistas, que dividem e o interferem na mesma intensidade do gesto (Figuras.2, 3, 4).

Foi necessário um desprendimento das noções de autoria individual em benefício, não somente do resultado coletivo, mas principalmente de um desvio pela alteridade em uma experiência de deslocamento do eu. Se o outro é aquele que não sou eu, como já colocado, quando o outro se parece comigo, ou me imita, fica mais explícito, o que nele difere de mim. As concessões da troca geram uma desidentificação do sujeito que se dilui e se abastece no outro coletivo.

O Grupo Superfície é assim formado de analogias que vão do visível ao invisível, onde o processo de construção é tão importante quanto os resultados alcançados na produção que se forma em uma superfície aberta em todos os sentidos. As interferências vão além das ações plásticas e é neste viver-junto que ocorrem as maiores modificações e adequações do ser como operante e participante de uma conquista utópica. Assim como diz René Passeron sobre uma criação com base na poética:

(...) a poética apoia-se menos na vida como realidade dada, que se pode certamente usufruir e maravilhar-se com ela, do que no espírito como vazio aberto a difícil superação criadora do homem por si mesmo. (PASSERON, 1981, p.114).



Figura 1: Integrantes do Grupo. **Fonte:** Grupo Superfície. Pelotas: 2013.



Figura 2: Ações do grupo. Fonte: Grupo Superfície. Pelotas: 2013.



Figura 3: Ações do grupo. Fonte: Grupo Superfície. Pelotas: 2013.



Figura 4: *Somos Compartilhadas*, Grupo Superfície. Técnica mista, 140cm x 170cm. **Fonte:** Grupo Superfície. Pelotas: 2012.

CONCLUSÃO

A quantidade de trabalhos e exposições feitas no primeiro ano de existência ajudou ao amadurecimento deste grupo de artistas, pessoas, que pelas suas individualidades, foram se apoiando, mantendo firme uma vontade comum. Partilhar com alguém é estar junto, usufruindo também daquilo que se está dividindo, é estar incluso nesta partilha de algo que ao possuir é disponibilizado para o outro, mas sem deixar de fazer parte ainda de si.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Como viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer**; 17 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ; Editora Vozes, 2011.

LANCRI, Jean. Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PASSERON, René. **A poiética em questão**. Porto Arte v. 13, nº21. Porto Arte: Instituto de Artes/UFRGS, 2004.

Sites

GROTOWSKI, Jerzy. Sobre o método das ações físicas (palestra de 1988). Disponível em <www.grupotempo.com.br/tex_grot.html>. Acesso em 14.09. 2012.

Texto para apresentação de exposição

HERNANDEZ, Adriane. **Idiorritmias**. In: Exposição Idiorritmias, Grupo Superfície, Porão do Passo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre, Porto Alegre, 2011.

Trabalho de Conclusão de Curso

LAUTENSCHLAGER, Carla Viviane Thiel. **Grupo Superfície**. Percursos poéticos da criação compartilhada. 2012. 76f. Monografia de Especialização, Pós-Graduação Lato Sensu em Artes na linha Ensino e Percursos Poéticos. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.